

O DIA ÀS 18H

00:00 / 02:17

CULTURA

## "A minha visão é que o CNAD inspire uma nova dinâmica a nível criativo"

Por **NUNO ANDRADE FERREIRA**, 7 ago 2022 8:53



Lidera o Centro Nacional de Arte Artesanato e Design (CNAD) desde 2015 e foi o grande impulsionador da remodelação do antigo edifício e construção do novo espaço. Gestor, programador e curador, Irlando Ferreira quer promover diálogos entre a arte, o artesanato e o design, de Cabo Verde para o mundo.

**O renovado CNAD é um projecto com características únicas. Passemos em**

## **retrospectiva o caminho até à inauguração...**

Na realidade, foi um caminho relativamente longo mas bastante desafiante e onde fomos concluindo as fases que estavam previstas. Quando entrei como director do CNAD, em 2015, a minha perspectiva, enquanto gestor e programador cultural, era desenhar um projecto que pudesse trazer ao CNAD a força que já tinha tido no passado. Então, a primeira coisa foi estudar tudo aquilo que tinha sido feito. Tivemos algum tempo no acervo, a fazer essa investigação. O Manuel Figueira já falava da questão de museus, da formação e de todas as questões. A partir desta base, desta visão que não foi implementada, o que poderíamos fazer? Daqui nasceu a necessidade de requalificar e ampliar o CNAD, com o objectivo de ser um equipamento cultural de referência, sustentável até determinado ponto, com projectos museológicos, galerias, loja, centro de investigação e pesquisa, centro de formação, espaço de residência e que pudesse também servir de base para depois ampliar às outras ilhas, a partir do projecto LEAAD (Laboratório Experimental de Arte, Artesanato e Design) e do projecto de rede de lojas. A partir desta visão, conhecemos o arquitecto Moreno Castellano, com quem falámos dessa vontade, dessa utopia. Ele, utópico também, com vontade de propor, trouxe-nos este projecto visionário, do ponto de vista da fachada e da distribuição do espaço. Chega 2016, a mudança do governo, e nós apresentámos essa proposta, que foi logo acolhida pelo ministro da Cultura, que propôs um encontro com o Primeiro-Ministro. Em 2019, iniciámos as obras. Com muito trabalho, não obstante a pandemia, a guerra, tivemos todas as condições para inaugurar com toda a qualidade, nessa visão projectada lá atrás.

## **O CNAD nasce com a ideia de como serão os próximos meses?**

Um equipamento construído é um espaço morto, o que lhe dá vida é aquilo que pões lá dentro. Mais do que ter um edifício, é ter um projecto e a sua visão para o futuro. Cada galeria levará três grandes exposições por ano. Vamos abordar os nossos artistas e artistas internacionais de diferentes áreas, arte, artesanato e design. Neste momento, já

estou a trabalhar na programação dos próximos dois anos. É um trabalho que tem sempre uma visão a médio e longo prazo. Não podemos pensar o equipamento cultural em ciclos de seis meses, pois não funciona, não ganha corpo, não ganha estrutura.

## **No vosso trabalho há uma preocupação em colocar em diálogo diferentes formas de expressão artística...**

Entendemos que do cruzamento de linguagens nasce sempre uma coisa muito mais rica. Trabalhamos de forma muito vincada essa questão de o artesanato dialogar com o design numa perspectiva linear, sem sobreposições. O que vai fazer com que seja mais ou menos evidenciado, do ponto de vista estético, é a capacidade das pessoas que estão

com a mão e a cabeça naquele conteúdo. Não gostamos muito de trabalhar a nível de graus, de posicionamento entre uma coisa e outra.

### **Um projecto como este cria à sua volta uma série de dinâmicas. O que se espera que surja daqui?**

Mais do que um catalisador, o meu desejo, enquanto cidadão, é que o CNAD seja um influenciador. Que um jovem olhe para o CNAD, para o que está a ser feito, e se inspire a fazer. Quero convidar jovens e menos jovens e desafia-los nos campos de curadoria, da programação... A minha visão é que o CNAD inspire uma nova dinâmica a nível criativo. Não quero que seja uma árvore que chama tudo para si. Quero que seja um polo que influencie e crie espaços para que o Centro Cultural do Mindelo esteja programado, que o Zero Point Art esteja programado, que a ALAIM esteja programada e que os outros que virão estejam programados. Uma cidade vive de uma dinâmica, não de uma centralidade. Naturalmente que o CNAD, pela sua dimensão e propostas, vai abrindo campo para outras coisas. Temos explorado isso na URDI e tem funcionado muito bem. Agora temos um equipamento cultural que nos permite ir cada vez mais fundo, não só em São Vicente.

### **Podemos esperar que o CNAD contribua para a projecção internacional de Cabo Verde e o estabelecimento de diálogos para lá do país?**

O pensamento no sector das artes tem de ser sempre expansivo e universalista. A arte, quando é boa em Cabo Verde, é boa na China ou em qualquer parte do mundo. Não é à toa que, para a abertura, trabalhámos a curadoria com a Adélia Borges, que é uma curadora brasileira que trabalha com o mundo. Também temos que trabalhar com artistas internacionais, porque temos que ter uma programação diversificada e pôr à disposição do nosso público a possibilidade de se confrontar com outras coisas. Não podemos almejar trazer um artista de renome se não tivermos um espaço onde acolhê-lo de forma digna. O CNAD tem todas as condições e foi desenhado para isso. Esse é o caminho que estamos a fazer.

***Texto originalmente publicado na edição impressa do Expresso das Ilhas nº 1079 de 3 de Agosto de 2022.***

Concorda? Discorda? Dê-nos a sua opinião. [Comente](#) ou partilhe este artigo.

#### **A propósito**

